

Para credor, acordo com o Fundo facilita negociação

BRASÍLIA — “Os bancos privados sempre deixaram claro que nada é possível sem o FMI, de forma que é melhor um acordo com o FMI junto com os bancos e não depois.” A declaração é do Chefe do Subcomitê de Economia dos Bancos Credores, Arturo Porzecanski, para quem um acordo com o Fundo irá acelerar o entendimento de países endividados com os bancos.

Porzecanski fez a afirmação ao comentar a possibilidade de o Governo brasileiro recorrer ao Fundo, antes de negociar com os bancos credores, divulgada pela imprensa. Ontem, ao retornar a Nova York, ele reclamou da dificuldade de acesso a informações sobre a economia brasileira.

Antes de embarcar para os Estados Unidos, Porzecanski se queixou de não estar levando os indicadores da economia brasileira para 1988, por falta de definição na equipe do Banco Central, que será alterada nesta semana, devido à nomeação do novo Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

— Não recebemos as novas projeções da economia para 1988 e 1989, que precisamos para montar nosso relatório. Dessa forma, o relatório só poderá ser feito em Nova York, quando os representantes do Governo brasileiro forem negociar a rolagem da dívida externa, e nos entregarem os dados sobre a evolução da política econômica brasileira — fri-

sou Porzecanski.

Os técnicos do Subcomitê de Economia estiveram no Brasil desde o dia 6 passado e não conseguiram as tradicionais entrevistas com os titulares do Banco Central, uma vez que todos estão com os cargos à disposição do Ministro da Fazenda e podem deixar as funções a qualquer momento. O chefe da missão manteve um único contato, ontem, com o Diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas. Porzecanski disse ao sair da reunião que conseguiram definir o que seria discutido, “só que agora temos pouco mais de uma hora para embarcar de volta à Nova York”, disse mostrando irritado o relógio.